

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANDRÉIA FAVARIN RIQUETI DUARTE

ALFABETIZAR TAMBÉM É UM ATO DE AMOR

Americana

2005

ANDRÉIA FAVARIN RIQUETI DUARTE

ALFABETIZAR TAMBÉM É UM ATO DE AMOR

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia Programa Especial de Formação de Professores em Exercício Nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

Americana

2005

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	5
MINHA INFÂNCIA.....	7
O TEMPO PASSOU, CHEGOU A ADOLESCÊNCIA!.....	21
O SONHO DE SER PROFESSORA.....	22
A DESCOBERTA DA PROFISSÃO.....	35
O CURSO DE PEDAGOGIA.....	43
REFERÊNCIAS.....	48

APRESENTAÇÃO

Resgatar uma história de vida é sempre uma tarefa árdua, mas extremamente gratificante assim como a escrita desse Memorial de Formação com o tema “Alfabetizar também é um ato de amor”, no qual trago minhas memórias desde a minha infância até os dias de hoje, terminando o curso de Pedagogia. Curso este que me enriqueceu muito e me possibilitou a sistematização de minhas práticas com as teorias apresentadas e trabalhadas.

Fazendo uma reflexão, o PROESF teve grande contribuição para o desenrolar da minha busca pela alfabetização sem fracassos e aprendizagem significativa e verdadeira.

Estou na área da Educação desde 1990, sempre tentando entender os fatores que contribuem para o fracasso na alfabetização e como avançar nesse processo.

A minha intensa busca nas pesquisas, nos cursos e em sala de aula é compreender a minha história de fracasso na aprendizagem e não repeti-la com meus alunos.

Neste trabalho dou maior ênfase a alunos que marcaram a minha vida profissional por apresentarem as mesmas dificuldades que eu apresentei quando criança e explico os fatores que contribuíram para o seu fracasso e o que fiz para que tivessem avanços.

O desenvolvimento do tema Alfabetização também é um ato de amor, destaca a importância dos fatores sociais e culturais ligados à comunidade e escola, as desigualdades gerando a exclusão escolar, as experiências vivenciadas com diferentes

propostas de trabalho, assim como ressalta o papel da escola e do professor como agente mediador de todo o processo escolar.

Apoiando-me na descrição da prática e teoria do PROESF sobre esse tema, estou apresentando o meu Memorial de Formação com minhas reflexões sobre as propostas pedagógicas na alfabetização, levando em consideração o aluno como um ser único que sente quando é desprezado e necessita do diálogo e da afetividade para o seu desenvolvimento intelectual e social.

ANDRÉIA FAVARIN RIQUETI DUARTE
Professora do Ensino Fundamental da
EMEF. do Jardim São Manoel da rede
Municipal de Nova Odessa – SP.

MINHA INFÂNCIA

“O processo de ensino-aprendizagem inclui sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas”.

Vygotsky

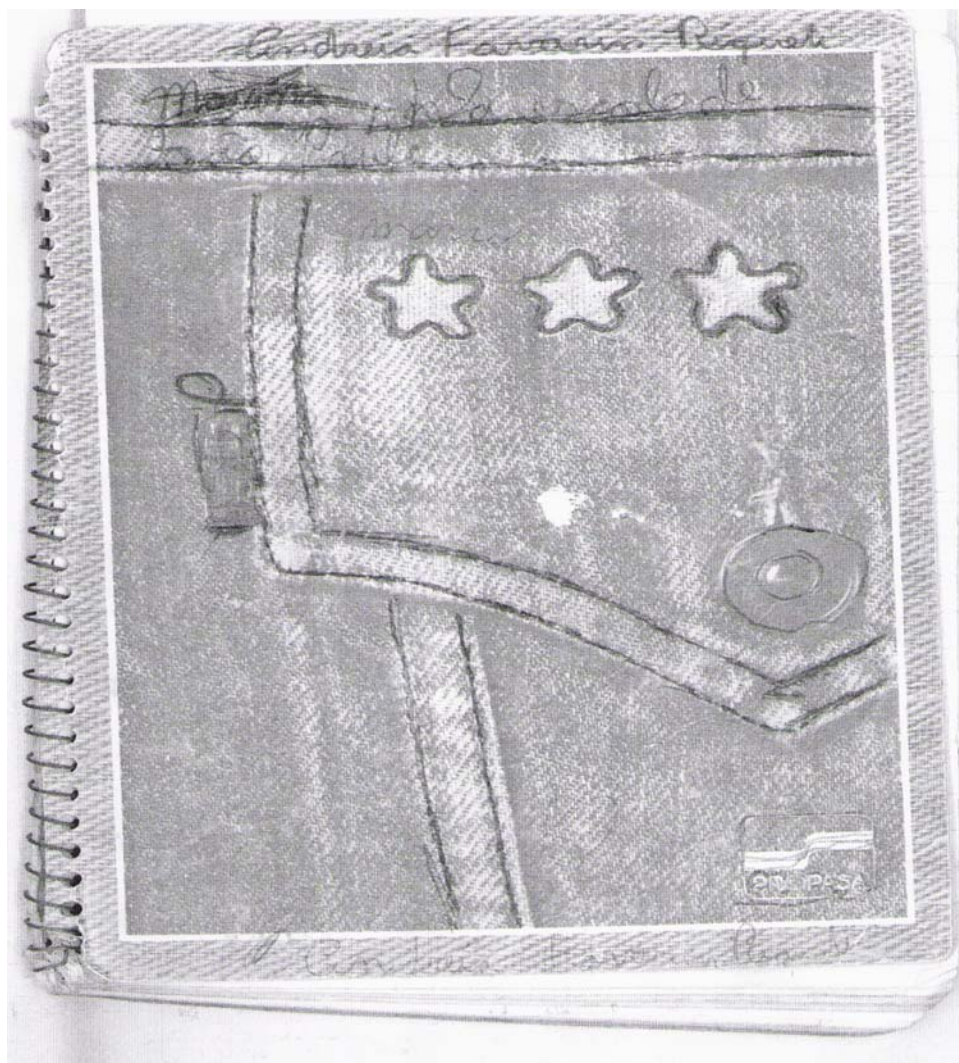
Nasci na cidade de São Paulo, em 1975, num bairro pobre na época, hoje um pouco mais conceituado chamado Vila Formosa, o meu nascimento foi o marco de um grande problema familiar, o alcoolismo de meu pai, juntamente com a vida miserável que levávamos. Cresci vendo brigas, agressões físicas e psicológicas constantes. Minha mãe, eu e meus dois irmãos contávamos com a ajuda de familiares e de Deus para sobreviver o que nos trazia esperança de uma vida melhor, que acabava quando meu pai chegava à noite bêbado e batia em minha mãe na nossa frente, sem nenhuma piedade, íamos dormir chorando sem nenhuma perspectiva de paz, alegria e amor em família. Até me emocionei quando comecei a escrever esse pequeno parágrafo que me trouxe muitas lembranças tristes, parece que revivi os momentos.

Até que chegou o dia de eu entrar na escola, eu tinha sete anos de idade, estávamos no ano de 1982.

Comecei estudar no período da tarde, nunca tinha sequer brincado de escrever, na minha rua várias crianças também começaram estudar e as mães revezavam para nos levar à escola.

O primeiro dia foi terrível. Todas as crianças estavam vestidas com calça azul listrada, camiseta branca e congas, eu não, fui com uma calça de flanela (estilo

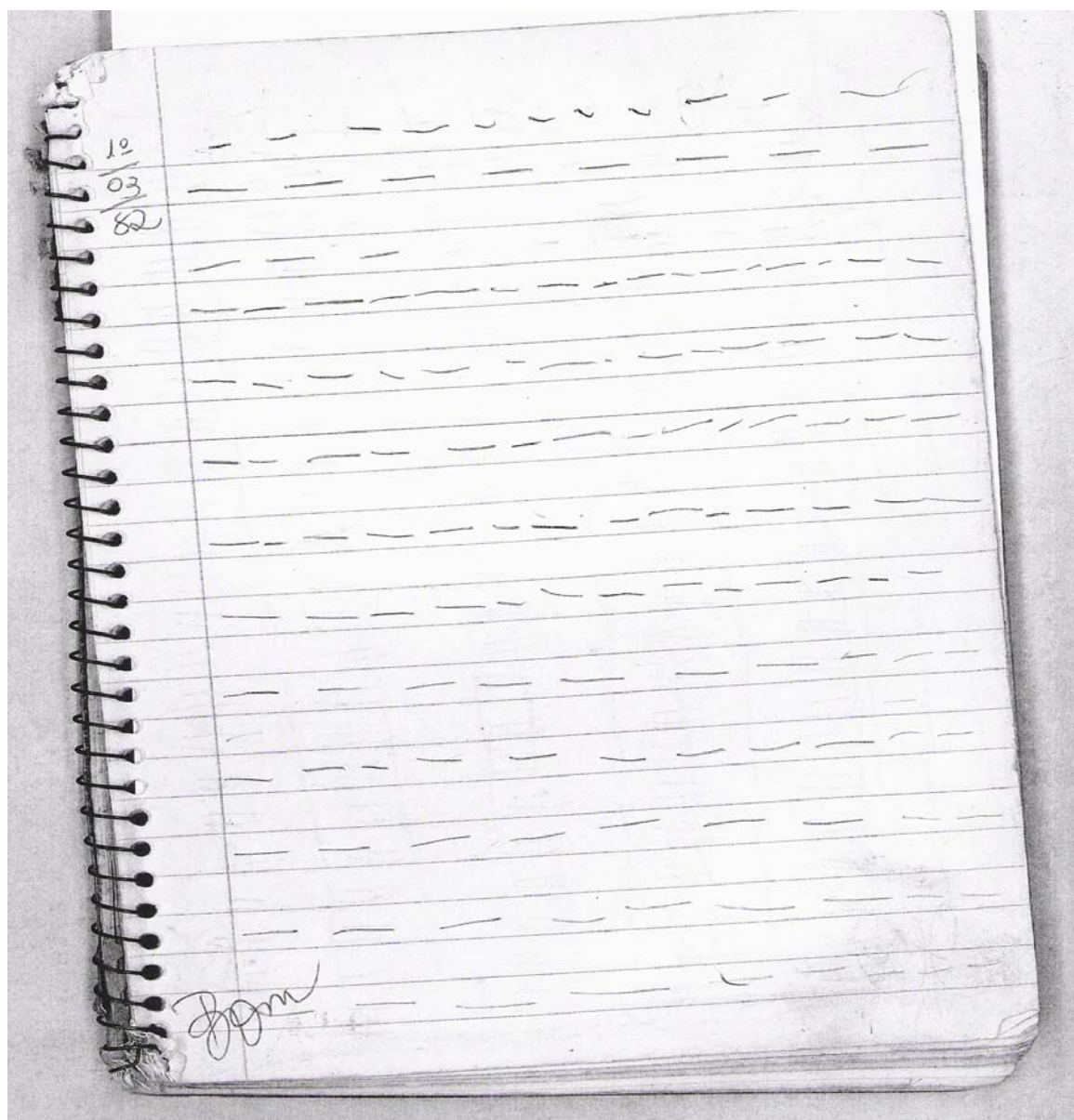
pijama), uma camiseta colorida e sandálias de plástico, na mão um estojo e um caderno espiral, que guardo não sei por que até hoje.



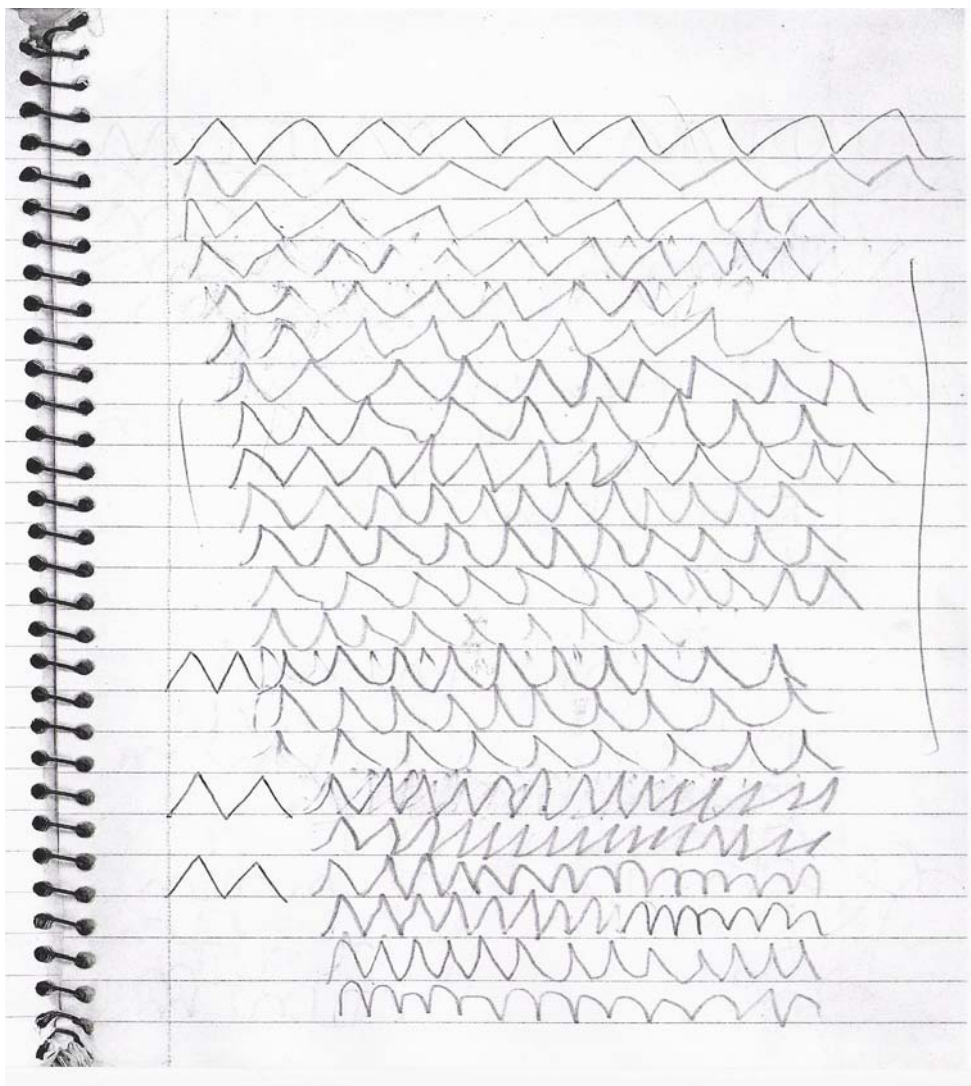
Lembro que minha mãe chorou quando viu as outras crianças e eu perguntei o porque do choro, ela me respondeu que gostaria de me dar uma roupa nova igual das outras crianças para eu ir à escola, só que no momento não podia (ela já fazia o possível para termos uma refeição saudável, o que não era fácil). Eu respondi que não tinha importância, eu só queria ir à escola e aprender para trabalhar e pagar as contas. Essa frase foi muito marcante e minha mãe lembra até hoje com emoção.

Quando cheguei à escola, não era nada atraente e nem aconchegante, era uma escola escura, toda pichada, com muitas grades nos corredores parecia até uma prisão. Lembro muito bem da professora com uma lista, chamando os nomes por ordem alfabética, eu fui à primeira da fila, fiquei muito feliz por estar pertinho da professora e fiquei olhando para ela com se fosse uma Deusa. Ela era magra, cabelos longos e usava um avental por cima da roupa. Fomos para a sala de aula enfileirados, eu estava ansiosa para ver uma sala de perto, quando cheguei vi carteiras de madeira escura, paredes de cor azul, duas lousas grandes, uma na frente e outra na lateral da sala. Sentei na primeira carteira com alegria por estar ali, afinal eu queria muito estudar, pois minha mãe sempre me incentivou e eu queria muito ajudar meus pais. Mas fiquei com saudades da minha mãe, talvez eu estivesse preocupada com ela e com medo do meu pai chegar...

Não me lembro de como a professora se apresentou ou se nem houve apresentação, mas comecei meu caderno assim:



Estava feliz, pois tinha ganhado “Bom”. Mas as outras atividades não foram muito legais. Apaguei muito e fiquei triste por não conseguir, fiz vários exercícios de prontidão (sem nenhum significado e nem contexto), a professora gritava e eu tinha muito medo.

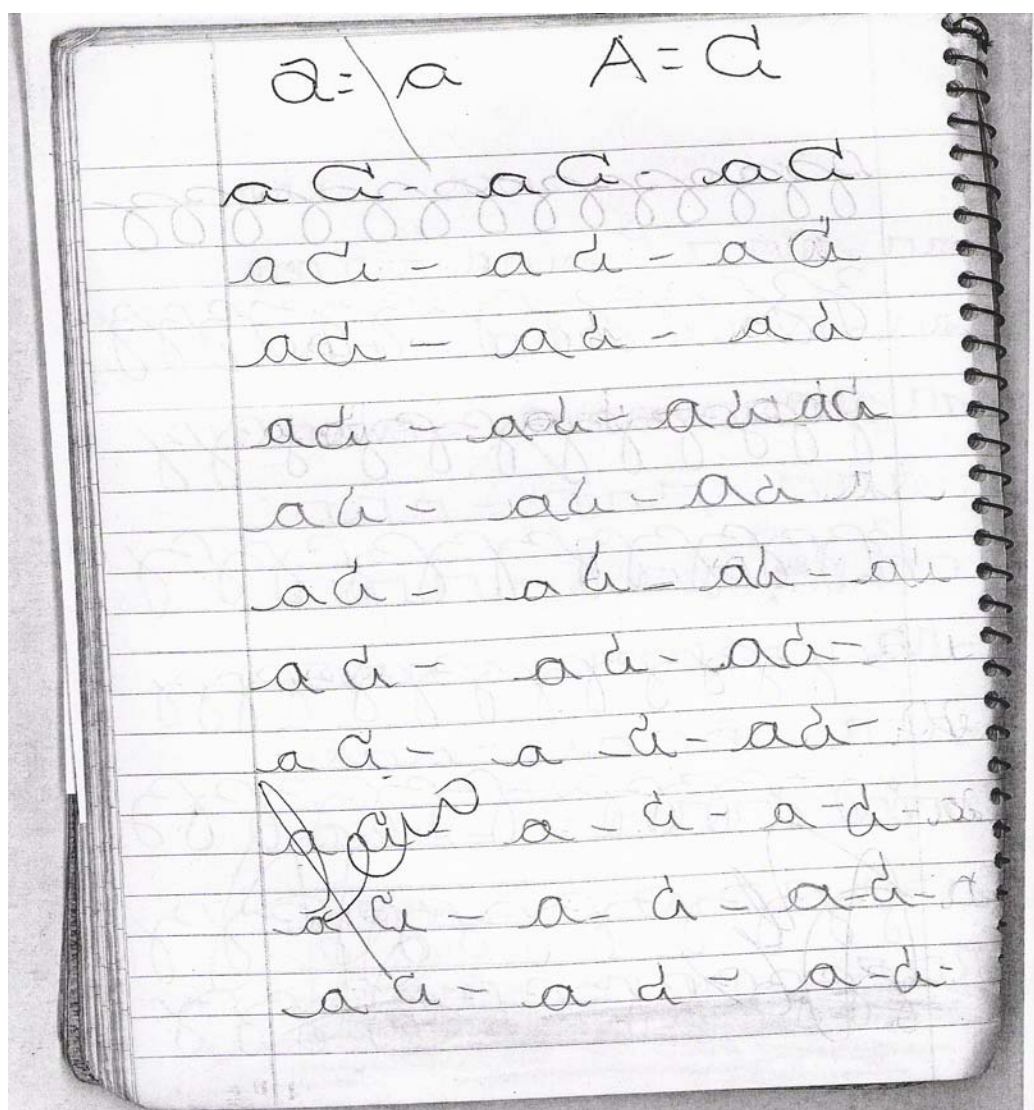


Passados alguns dias, ela me colocou na última carteira, na fileira do canto (era a fileira dos fracos). Lembro perfeitamente que quando eu errava a professora brigava muito, me chamava de “burra” e eu chorava muito de vergonha e medo.

Todos os dias eu chegava em casa, mostrava o caderno para minha mãe e chorava muito, dizia que não conseguia estudar, era muito difícil e que eu tinha medo da professora. Minha mãe também me chamava atenção, mas ela não sabia que por trás de toda essa dificuldade existia um bloqueio muito grande, gerado pelas brigas e agressões que eu presenciava em casa. Eu não tinha motivação nem um

ambiente favorável em casa, na escola muito menos, naquele momento era preciso resolver os problemas familiares para que eu me sentisse bem.

Um dia, a professora passou a letra **A** no caderno da seguinte maneira e resultou nisso:



Além de escrever, ela repetia para que todos ouvissem: “FEIO”. Ela batia muito com a régua na carteira. Neste dia eu me assustei muito e chorei sem parar. Eu me sentia uma burra mesmo, assim como nas cenas do filme “The Wall – Pink Floyd”, no qual o professor expõe o aluno perante a classe.

Na reunião, ela disse para minha mãe que eu não sabia nada e que só sabia chorar. Realmente não existia nenhuma preocupação com o emocional do aluno, seus sentimentos eram jogados fora e não se estabelecia nenhuma afetividade.

Eu não queria mais ir à escola, o sonho e a alegria de estudar tinham acabado. Mas minha mãe me obrigava a ir dizendo que eu iria melhorar, mas só piorava. A professora dava atividades em folhinhas e quando recolhia ela rasgava a minha e reclamava da minha dificuldade. Mas que culpa tinha eu se em casa só havia problemas, não tinha contato com livros, jornais, revistas, muito menos com jogos pedagógicos. Eu só tinha alguns brinquedos.

A situação entre os meus pais estava cada vez mais complicada e um dia minha mãe disse que íamos embora, pois a luz de casa fora cortada e meu pai não tinha pagado o aluguel, por isso não teríamos mais onde morar. Lembro do meu irmão mais velho chorando bastante e nessa mesma noite meu pai chegou muito nervoso e mandou a minha mãe pegar seus três filhos e sumir da frente dele, pois ele não nos queria mais... Foi uma tragédia: nós quatro, à noite, frio, somente com a roupa do corpo, ele não deixou a minha mãe pegar nada. A dor do desprezo foi muito grande, quando minha mãe ligou para meu tio vir nos buscar, até ele chorou em nos ver naquela situação.

No outro dia partimos para a casa de meus avós maternos a 780 quilômetros de distância, com medo de meu pai nos achar em São Paulo.

Meu avô nos recebeu muito bem, mas minha avó não, teve muita vergonha em ver uma filha separada com três filhos pequenos. Para a época era difícil, na década de 80 a sociedade não aceitava com muita facilidade uma separação entre casais.

Mas a mudança de ambiente, o fim das brigas, das agressões tudo valia a pena por ficar longe do meu pai e eu nem sentia falta dele.

Fui matriculada na escola da cidade, mas precisei esperar um pouco, pois a transferência seria enviada pelo correio. Fiquei umas duas semanas em casa, não tinha vontade de ir à escola, sentia medo, não sentia nenhuma saudade da professora Elisa que aumentara ainda mais o meu sofrimento. Quando chegou o dia de conhecer a nova escola, a nova professora, fiquei apavorada, minha mãe me tranqüilizou, contando que era bem diferente e que a professora D.Zilda era sua amiga de infância e que eu iria gostar muito de todas as crianças. Confiei na minha mãe. Realmente a escola era muito bonita, tinha jardins, parquinho, quadra, a cor era agradável, não tinha nenhuma grade, a sala de aula era branca com uma faixa creme, as cortinas eram brancas com flores na barra, senti um grande alívio e conheci a professora que me tratou muito bem e conversou comigo com um sorriso nos lábios. Mas mesmo assim eu tinha receio que ela brigasse comigo quando descobrisse que eu não sabia nada, nem meu próprio nome. Eu realmente tinha sérios problemas de aprendizagem devido ao ambiente em que vivia e do descaso da professora Elisa. Eu estava excluída do saber. Em relação aos problemas de aprendizagem Aquino (1997, p.97) afirma que: “A biologização e a psicologização das causas do erro/fracasso do aluno findaram por instaurar um amplo processo de patologização do cotidiano escolar, originária nos extramuros da escola”.

Assim as pesquisas sobre o fracasso escolar apontam que existe uma longa trajetória para entender que o erro está na escola e nos professores que não estão preparados para a realidade do aluno.

No **século XIX e início do século XX** a dificuldade de aprendizagem é taxada como anomalia fisiológica. O comportamento humano é objeto de estudos

em laboratório com o desenvolvimento das ciências médicas e biológicas, sobretudo a psiquiatria.

Na **década de 30** o médico Arthur Ramos atribui o fracasso a desajustes familiares. O aluno com dificuldades, passa a ser chamado de criança-problema e o médico propõe que ela seja educada longe de casa.

Durante a década de 60 as causas do insucesso ainda são atribuídas somente a fatores orgânicos e psicológicos. Quem tem dificuldade de aprendizagem continua a ser encaminhado ao médico e ao psicólogo. Já na **década de 70** estudiosos americanos afirmam que as dificuldades de aprendizagem advêm das péssimas condições de vida da criança - Teoria da privação cultural. Surge também a tendência de questionar a responsabilidade da escola.

Nas **décadas de 80 e 90** pesquisas e trabalhos em todo o mundo concluem que o erro não está na criança, mas na escola e nos professores que estão despreparados para lidar com a realidade de seus alunos.

Como eu tinha medo de fracassar, eu dizia aos alunos que eu sabia tudo. Todos na sala já liam na Cartilha Caminho Suave as lições da “barriga, cachorro, dado” e eu nem tinha cartilha e muito menos sabia ler. A professora sabia dos meus problemas e das minhas dificuldades e tentou fazer com que nenhum aluno as percebesse, quando vinha tomar minha lição, ela lia primeiro e fazia eu repetir, depois mandava eu copiar várias vezes as lições da cartilha, estávamos em agosto de 1982. Assim terminei o ano, repetindo e copiando. Não sei se a professora não sabia como me ajudar ou se ela fez isso por amizade a minha mãe ou por dó de mim, só sei que passei para a 2ª série sem saber ler e nem escrever, somente copiando - a minha letra era muito bonita, pelo menos isso! Ah, eu já fazia o meu nome sem olhar.

No ano seguinte, cheguei à escola e já não sentia mais medo, estava mais segura, mas me preocupava que a professora descobrisse que eu não sabia escrever nem ler de verdade. Eu havia decorado muitas lições da cartilha e algumas letras do alfabeto, talvez eu conseguisse convencê-la em me deixar assim. O que me faltava para garantir a aprendizagem eram os três estágios da decodificação, que significa ter o código (alfabeto), codificação (montagem do código) e entender esse código. Ou seja:

- Decodificação fonológica (som)*
- Decodificação sintática (jeito da palavra, forma, gramática, disposição das palavras na frase, organização)
- Decodificação semântica (sentido, compreensão, interpretação, enfim, a Construção da Linguagem).

Nesse sentido Vygotsky (1984, p.133), diz que:

o ensino tem que ser organizado de forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias às crianças (...). A escrita deve ser relevante à vida (...) deve ter significado para as crianças (...) deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida, para que se desenvolva, como uma forma nova e complexa de linguagem.

Mas não era nada disso que estava acontecendo comigo, eu me esforçava e minha cabeça não ajudava... Ficava muito triste, pois já era impossível esconder tudo. A professora era compreensiva e pediu para a minha mãe me levar ao neurologista para fazer alguns exames na cabeça. Minha mãe levou um susto e me levou o mais rápido possível, mas não deu nada. Ela me perguntava o que eu sentia, porque eu não conseguia aprender. Eu dizia que não conseguia guardar nada na cabeça, parece que ela estava cheia. Tudo isso são relatos de minha mãe, lembranças das minhas dificuldades na aprendizagem.

Mesmo assim, passei para a 3ª série, como se fosse empurrada, não sei se era por dó, mas penso que foi a melhor coisa que me fizeram, pois o que adiantaria eu reprovar, só iria gerar mais problemas. Na verdade elas pensavam que eu nunca iria aprender.

Na época o MODELO TRADICIONAL, era o único modelo de alfabetização que se destacava, ensinava-se através da silabação ou método global, ou seja, começava de palavras para sílabas, sílabas para frases, não era necessário o uso da escrita no dia-a-dia, e se o aluno soubesse fazer uma frase, já estava ótimo. As exigências da escola tradicional eram:

- memorização
- disciplina
- ausência de questionamentos e participações de alunos
- discriminação
- seqüência sem contextos
- sistematização através da família silábica
- mecanização
- prontidão
- exigência de caligrafia (cópia bonita)
- não podia errar.

Para Lourenço Filho: “Um dos erros da escola tradicional era conceber um tipo de criança em abstrato, uma criança de tipo ideal por todos os aspectos, na vida real inexistente”.

* Anotações de Aulas.

Na época, minha tia Rosângela, tinha acabado de se mudar para a cidade e iria dar aulas na mesma escola em que eu estudava. Para mim já foi uma alegria em saber que eu teria uma tia professora. E ela resolveu me ALFABETIZAR em sua casa. Todas as tardes eu pegava um caderno, estojo e a cartilha da 1ª série e ia até sua casa. Começou o momento da minha alfabetização. Ela me fez decorar o alfabeto e depois me ajudou a juntar as letras para formar as palavras da cartilha, nem uma novidade eu já fazia isso na escola, só que ela usava algo diferente comigo: o diálogo, a segurança que ela me passava e principalmente a AFETIVIDADE. Ela me fez sentir motivada, levantou minha auto-estima, na verdade ela quebrou todas as barreiras e bloqueios que eu tinha em relação ao meu pai e a escola de São Paulo e conseguiu conduzir o meu aprendizado de maneira emocionante e significativa.

Sobre a afetividade Wallon afirma que:

é um dos principais elementos do desenvolvimento humano. Ele considera a pessoa como um todo. Afetividade, emoções, movimento e espaço físico se encontram num mesmo plano. Para ele, as emoções têm papel preponderante no desenvolvimento da pessoa. É por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades. Em geral são manifestações que expressam um universo importante e perceptível, mas pouco estimulado pelos modelos tradicionais de ensino. As transformações fisiológicas de uma criança (ou, nas palavras de Wallon, no seu sistema neurovegetativo) revelam traços importantes de caráter e personalidade.

Foram muitas tardes na casa de minha tia, ela me ajudou muito, jamais poderei esquecer que ela me fez descobrir que eu poderia errar e aprender a fazer o certo, além de tudo me sentia protegida e amada por ela e por meus familiares que também deram suas contribuições para minha alfabetização. Nessa fase eu não tinha nenhuma lembrança de meu pai e não tivemos nenhuma notícia também. Na escola comecei a sentir uma sensação de liberdade, pois já sabia muitas coisas e principalmente tinha começado a ler e a escrever, o que era o meu grande desafio.

Já no meio do ano eu estava quase igual a todos, como se eu estivesse com a aprendizagem da 3ª série, escrevia histórias, respondia questionários, ao final daquele ano eu superei o meu bloqueio, era como se a minha cabeça tivesse sido aberta, e, recebi um prêmio por ser a melhor aluna da classe. Incrível, eu realmente tinha aprendido, isso foi muito importante para mim, pois recuperei a minha auto-estima.

Nos anos seguintes, meu potencial crescia cada vez mais, parecia que a minha inteligência saltava para fora, me lembro que meu irmão mais velho dizia: “como você está inteligente”. Em tudo eu conseguia sobressair.

Meu tio trazia muitos jogos e o meu preferido era um quebra-cabeça com a história do Pinóquio, passava horas montando e lendo, com ele tive a oportunidade de desenvolver meu raciocínio lógico-matemático e várias estruturas mentais. Meu avô me ensinou a jogar dama num tabuleiro de madeira feito por ele mesmo com peças feitas de tampinhas de garrafas pintadas. Hoje eu sei que foi uma experiência rica, pois sem querer ele facilitou o desenvolvimento em mim de vários mecanismos que facilitaram a minha aprendizagem e a elaboração de diferentes estratégias para obter resultados. Outro fator importante é que na cidade existia uma pequena biblioteca, onde cheguei a ler a maioria dos livros de literatura infantil.

A convivência em outro lar, um ambiente saudável fez nascer novamente à esperança, o amor e a compreensão de que eu poderia ter um futuro melhor. Nessa fase eu brincava muito de escolinha, eu tinha uma lousa grande e fazia das minhas bonecas de plástico meus alunos e com as quais eu reproduzia tudo o que fazia na escola, tomando o cuidado para não fazer o que a professora de São Paulo fez. Sem perceber, eu sabia que o castigo, a punição, a falta de afetividade, as palavras horríveis que ela escrevia em minhas atividades e falava para toda a classe ouvir

não traziam nenhum tipo de aprendizagem, só desenvolviam pânico, medo e falta de estímulo. Aliás, esses são fatores que levam o aluno à evasão escolar que para Wallon é “a própria negação do saber”. Saber avaliar a importância do erro e o benefício que o mesmo pode trazer são questões muito interessantes e valiosas para proporcionar uma aprendizagem significativa.

Desde então, resolvi estudar para ser professora, queria ensinar as crianças com amor e dedicação.

O TEMPO PASSOU, CHEGOU A ADOLESCÊNCIA!

Cinco anos depois meu pai apareceu na cidade para nos visitar, eu chorei muito, fiquei com medo da minha vida voltar a ser o que era antes, não queria vê-lo, senti revolta e atribui todo o meu fracasso escolar a ele. Mas para a teoria Walloniana: *“Até mesmo a dor, o ódio e o sofrimento são elementos estimuladores da construção do eu”*.

Talvez o que senti tenha me ajudado a superar definitivamente os meus problemas, mas foi muito difícil ter que encará-lo.

Foi a última vez que vi meu pai enquanto estudava naquela cidade, fiz até a oitava série, sempre com bons rendimentos e sonhava em ser professora, até que mudei de cidade para realizar meu sonho, fazer o magistério.

O SONHO DE SER PROFESSORA

“A intenção de educar pressupõe a possibilidade de modificar o educando”.

(Lourenço Filho)

Mudei para a cidade de Sumaré em 1990, na casa de minha tia, por coincidência aquela que me alfabetizou na 3ª série, ela sabia do meu sonho e por isso me convidou para morar com ela. A nossa convivência foi muito boa, eu aprendi muitas coisas com ela, pois ela alfabetizava naquela época, só que não mais da maneira que me ensinou, existia alguma coisa diferente e fui aos poucos aprendendo. Ela trazia cadernos e atividades de alunos para eu ajudar a corrigir e eu comecei a ver como era difícil a missão de ser professora. Minha tia era totalmente dedicada aos seus alunos, e ela passou tudo isso para mim.

No início do magistério já comecei a dar aulas como eventual e percebi que não era o mesmo que o curso de magistério pregava. A prática era totalmente diferente da teoria. Aprendi muitas teorias, inclusive a de Piaget e gostei muito, pois fazia sentido na questão da aprendizagem, também estudamos Emilia Ferreiro dentro das fundamentações de Piaget, pois estava no auge essa teoria. Comecei a entender o processo da alfabetização.

A moda era o Construtivismo de Emilia Ferreiro, mas este foi inserido na prática com vários problemas de compreensão do método sendo muito distorcido por alguns educadores e professores, criando muitas confusões. Na verdade essa

metodologia é estruturada em torno de princípios que organizam a prática do professor, explica Telma Weisz.[†]

O fato de a criança aprender a ler e escrever lendo e escrevendo, mesmo sem saber fazer isso, é um desses princípios. Nas escolas verdadeiramente construtivistas, os alunos se alfabetizam participando de práticas sociais de leitura e de escrita. A referência de texto para eles não é mais uma cartilha, com frases sem sentido.

Diagnosticar quanto os alunos já sabem antes de iniciar o processo de alfabetização é um preceito básico do livro *Psicogênese da Língua Escrita*, que Emília Ferreiro escreveu com Ana Teberosky em 1979. A obra, um marco na área, mostra que as crianças não chegam à escola vazias, sem saber nada sobre a língua.

Emília Ferreiro explica a evolução da escrita pela criança, em níveis:

Nível 1 – A escrita é a reprodução de traços básicos da escrita, que não transmitem informações. Cada criança pode interpretar sua própria escrita, porém não a dos outros.

Nível 2 – Período pré-operatório – Progresso gráfico – a forma dos grafismos é mais definida, mais próxima à das letras. Aquisição cognitiva notável. Cada letra vale como um todo e não tem valor em si mesma.

Nível 3 – Hipótese silábica – Tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras. Cada letra vale por uma sílaba. Salto qualitativo. Pela primeira vez a criança trabalha claramente com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala.

[†] Anotações de Aulas

Nível 4 – Hipótese silábica - alfabética – Passagem da hipótese silábica para a alfabética. A hipótese silábica entra em contradição com o valor sonoro atribuído às letras. Esse processo é penoso para a criança. Neste aspecto Ferreiro (p. 211) diz:

“(…) Quisemos apresentar vários exemplos para que se perceba claramente a extraordinária riqueza deste momento de passagem e o difícil que se torna, para a criança, coordenar as múltiplas hipóteses que foi elaborando no curso dessa evolução, assim como as informações que o meio forneceu. (...) Mas o meio, de per si, não pode criar conhecimento. (...)”

Nível 5 – Escrita alfabética – Final da evolução da construção da escrita, porém não da superação de todas as dificuldades, por exemplo, as ortográficas.

Smolka (2003, p. 58), por sua vez, no livro *A criança na fase inicial da escrita* – a alfabetização como processo discursivo, diz que:

“(…) Diante disso, a questão pedagógica da alfabetização merece ser analisada não apenas em relação ao processo de construção individual do conhecimento, proposto por Piaget e Ferreiro, mas precisa ser situada levando-se em conta o processo de internalização dos papéis e funções sociais (...)” (...) as análises epistemológicas de Ferreiro e Teberosk não podem dar conta, em termos políticos-pedagógicos, do fracasso da alfabetização escolar. Porque, se bem que elas apontem para o significado e a importância das interações, (elas investigam e procuram explicar o processo individual do desenvolvimento das noções infantis sobre a escrita, independentemente das relações sociais e das situações formais e informais). Elas mostram mais um fator que precisa ser conhecido e observado no processo de alfabetização (de ordem técnica), mas não resolvem – nem pretendem resolver o problema (...) No entanto, os estudos de Ferreiro e Teberosk, divulgados e incorporados pelas universidades e pelas redes de ensino, têm sido adequados e adaptados à realidade educacional brasileira sem, necessariamente, transformá-la. (...) Ouve-se então: “Essa criança é pré-silábica!” “Quantos silábicos você tem na sua classe?” Em suma, os rótulos se mantêm e se continua a culpar a criança pela não aprendizagem, pela não compreensão.(...) Contudo, ao invés de se tornar o estudo de Ferreiro e Teberosk como contribuição para o entendimento dos processos de aquisição de escrita, tem-se reduzido o ensino da escrita à questão da correspondência gráfico-sonora, categorizando crianças e turmas de crianças em termos de níveis de hipóteses, quando o processo de leitura e escrita abrange outros aspectos e outras dimensões (...)”

A falta de estudo a respeito de qualquer teoria acaba se tornando erro do professor e quem paga é a criança, portanto, a gênese da escrita que Emília Ferreiro apresenta não objetiva a classificação da criança, mas possibilitar ao professor a compreensão da fase em que ela está e proponha desafios. Se o professor não fizer isso, a criança não sai do lugar, não caminha pedagogicamente.

Emília Ferreiro foi um marco nos estudos sobre alfabetização. A partir daí continuaram os estudos, outras tendências surgiram para tornar a escrita algo importante. Ela deu um avanço enorme para educação, com a descoberta da gênese da escrita, demonstrando que a criança tem suas próprias hipóteses. O professor tem que fazer questionamentos diferentes, para que as crianças avancem na questão da escrita e da leitura. Entretanto, o professor que ficar preso somente às nomenclaturas estabelecidas por Emília Ferreiro (silábica, pré-silábica, etc...), entendendo como sendo esse o fator mais importante do construtivismo, não entende o que é construtivismo. Daí toda a dificuldade enfrentada por muitos na prática da idéia construtivista, enquanto agentes em sala de aula. Então surgem as divergências a respeito desse processo.

Existem três preconceitos que os problemas de compreensão sobre o Construtivismo criou:

- 1- A criança caminha sozinha (espontaneísmo);
- 2- O professor não pode ir além do limite da criança;
- 3- O erro do aluno não deve ser corrigido.

O construtivismo apresenta precariedade na própria formulação teórica, como veremos a seguir:

1- O aluno constrói o conhecimento:

A aprendizagem é atividade do próprio aprendiz, com seu objeto de conhecimento e o professor não interfere nesse processo, isso o coloca num papel menos relevante que no ensino tradicional, pois ele não mais ensina, cria um ambiente alfabetizador.

Para Telma Weiz[‡], uma das mais expressivas divulgadoras do trabalho de Emília Ferreira no Brasil, *“o conhecimento é uma construção do aprendiz (as hipóteses que o sujeito elabora não foram dadas a ele, foram pensadas por ele, refletidas, porque alguém deu os elementos para que isso acontecesse e esse alguém é o professor)”*. Outra adepta do construtivismo, a professora Esther Pillar Grossi (anotações de aula) afirma que: *“Cada indivíduo é um e capta do social o que lhe serve, mesmo que interaja com o meio, pois tem vida em si mesmo” (...)* Seria o mesmo que afirmar que a aprendizagem ocorre em nível individual. Isso, negar a existência fora das relações humanas, é negar a historicidade do indivíduo”.

Mas, o aprendiz, ao interagir com o objeto, entra em relação com outros sujeitos. O aprendiz não está sozinho, é também sujeito do conhecimento, devendo entender o objeto de acordo com seu uso social. Só por esse motivo já dá pra perceber que ele não age sozinho, necessita de outros para entender o processo. Marx já dizia que aos poucos, o homem vai interagindo com o meio, sentindo a necessidade do contato com o outro.

A CARTILHA pesava pela fragmentação dos textos e o atual PROCESSO – o construtivista (da maneira que vem sendo entendido) não supera isso porque não corrige erros. A grande questão é: Como fazer então, para garantir a escrita correta,

[‡] Anotações de Aulas

com significado? O construtivismo implica numa prática que é fundamental para sua execução, estudo e reflexão por parte do professor, inclusive a respeito do erro.

Diante dessas duas premissas, verifica-se que a questão do artificialismo não parece ter sido de fato, superada.

Trabalhando o uso social da escrita precisa-se ter claro qual a sua utilidade, porque hoje há inúmeras outras formas de se comunicar em sociedade: o telefone, a televisão, o fax, interações verbais.

Antigamente, esses recursos não existiam e não era necessário ficar a todo tempo reafirmando a necessidade da escrita. Hoje isso mudou. Hoje ela é mais um dos meios.

Por outro lado, atos de leitura/escrita na vida dos seres humanos ficaram tão restritos devido aos outros recursos de linguagem citados acima, que se tornaram quase que tão somente uma atividade escolar, antes tão presentes, com maior incidência, no cotidiano dos aprendizes.

Para Piaget⁸, a criança tem que descobrir por si própria o que ainda desconhece. Há aqui outra contradição:

Essa atividade – leitura/escrita, equivale à decifração e transcrição do código nos momentos iniciais da alfabetização, posto que a escrita é um simbolismo de segunda ordem, que não se realiza sem a interferência do professor, ou de qualquer outro mediador. Os valores que se atribuem aos elementos do código não são facilmente identificáveis pelo aprendiz.

Se partirmos do pressuposto que o processo de aprendizagem, requerendo uma relação entre homens, exige no caso da escrita, um grau ainda maior de

sistematização que propicie a compreensão da relação entre dois códigos de naturezas diferentes – a fala e a escrita, fica evidente que a questão ensino-aprendizagem não está suficientemente clara, tal como vem sendo colocada pela perspectiva do construtivismo.

2 – O professor deve respeitar as características individuais do aluno e seu ritmo.

Respeitar os limites do aluno, não indo além do que ele já sabe. O professor não deve forçar o aluno. O que então permitirá o avanço? Isso não pode ser mal interpretado a ponto de virar um vício de não se avançar. Respeitar o ritmo não significa estagnar, mas sim saber por onde reiniciar. E o professor tem que ser perspicaz o suficiente para detectar isso em cada aluno, dado suas diferenças e particularidades. Isso é respeitar o ritmo.

3 – O professor deve respeitar o erro do aluno, porque é construtivo.

O professor não deve apontar o erro, mas colocar o aluno em situação de desequilíbrio, de conflito cognitivo. Será que o aluno consegue chegar sozinho a alguma solução? No tradicional, o foco era o professor, a ênfase na memorização e na passividade do aluno. No construtivismo, o foco é o aluno, que, sozinho, tem que caminhar por uma trilha desconhecida, sem ajuda de ninguém. O professor é o observador do processo de aprendizagem. Aí se caracteriza a aprendizagem por um processo de ensaio e erro, numa ênfase à descoberta individual. O professor não pode inibir o processo de criação do aluno. Como então corrigir?

O aluno aprende usando. E uso não significa exercícios de memorização. São práticas efetivas de uso da língua escrita, com significado para o aluno, que permitirão a compreensão e a memorização. O procedimento, no ato de correção,

^s Anotações de Aulas.

deverá implicar, primeiro a consolidação daquilo que, na tentativa do aluno, configura acerto, e, num segundo momento, numa reflexão sobre as possibilidades genéricas da língua. Se existem formas mecânicas de corrigir, que não propiciam atitudes de reflexão para o aluno, são essas formas que devem ser superadas, em vez de se abandonar à correção. Do contrário, pode-se configurar descaso para com o conteúdo.

A aprendizagem por um processo de descoberta por hipóteses próprias é contraditória ao que se propõem as pedagogias voltadas para as classes populares, tende agravar a já perversa exclusão do mundo letrado a que são submetidos os nossos alunos. Assim como eu, que necessitava de intervenções sistematizadas. O aluno, quando levado a refletir sobre seu erro, terá certeza de que cometerá muitos erros, mas que, com o auxílio do professor, poderá constatá-los e corrigi-los. Ou seja, a mediação é inevitável, e isso, o construtivismo, da maneira como vem sendo interpretado, não prega.

Afinal o construtivismo é uma concepção teórica que parte do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio. A idéia é que o homem não nasce inteligente, mas também não é passivo sob a influência do meio. Ao contrário, responde aos estímulos externos, agindo sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada.

Mas associar Piaget e Construtivismo como uma teoria pedagógica, é uma idéia errônea, pois "Piaget não foi educador nem pedagogo – e a mídia insiste em cometer esse erro", segundo Yves de La Taille (Prof. Dr. de Psicologia – USP). A preocupação central de Piaget dirige-se à elaboração de uma teoria do conhecimento, que possa explicar como o organismo conhece o mundo. E esta

colocação reflete sua formação inicial em Biologia, pois considera que só o conhecimento possibilita ao homem um estado de equilíbrio interno que o capacita a adaptar-se ao meio ambiente. Vê a criança como que tentando descobrir o sentido do mundo, lidando ativamente com objetos e pessoas. A criança vai construir estruturas mentais e adquirir modos de funcionamento dessas estruturas em função de sua tentativa incessante de entender o mundo ao seu redor, compreender seus eventos e sistematizar suas idéias num todo coerente.(...) Neste caso Piaget (que posteriormente dedicou-se à psicologia genética)** não tem dúvidas que o crescimento orgânico, a maturidade neurológica e fisiológica geral sejam determinantes fundamentais, mas não suficientes, pois será necessária a interação com o meio. A criança irá construir seu crescimento mental, ela é o agente de seu próprio desenvolvimento. Daqui parte toda a base do trabalho de Emília Ferreiro, que faz a análise de como a criança percorre o processo de alfabetização, tendo como matriz teórica à psicologia genética de Piaget.

Adorei toda essa teoria, afinal era como alfabetizar uma criança sem deixar marcas de fracassos. Eu queria aprendê-la e comecei a trabalhar alfabetização em cima dos níveis da criança.

Naquela época eu estava trabalhando como professora eventual no Estado e dando aulas particulares em casa para uma menina de 8 anos, que estava com sérios problemas de aprendizagem na 2ª série, inclusive alfabetização. Baseando-me na teoria construtivista, eu usava rótulos de produtos que a criança tinha em casa para alfabetizá-la, e fui aprendendo junto com ela o processo de leitura e escrita através do contato com o meio e objetos significativos, pois ela tinha que ler

** Anotações de aulas. A psicologia genética estuda as origens, isto é, a gênese dos processos psíquicos. Somente a título de informação, Wallon também se dedicou ao estudo da psicologia genética.

para saber o que era e como usar esses produtos, lembrando que além de tudo já existia o letramento em cima desse trabalho. Usei teorias importantíssimas para trabalhar com essa criança, que hoje, analisando o que estudamos no Curso PROESF, posso afirmar, que fiz um trabalho muito sério e verdadeiro, inclusive na questão afetiva, melhorando sua auto-estima. Confesso que me esforcei muito para que essa criança aprendesse, pois o sofrimento dela era muito parecido com o meu. O fracasso escolar estava novamente em minhas mãos, mas agora eu era a professora. Enfim ela se alfabetizou e no final estava produzindo textos, foi um grande estímulo para minha vida profissional, na verdade foi a minha primeira experiência na área de alfabetização, atuação que me deixou muito animada e feliz para prosseguir. Fazendo uma reflexão sobre essa experiência o que contribuiu muito também foi à atenção individual que essa criança teve, além da mediação constante que permitiu que descobrisse com seus erros tudo que ela era capaz.

Quando eu estava no 3º ano do magistério, fui convidada para trabalhar em uma escola particular bem conceituada na cidade, na educação infantil, classe de maternal, crianças de 3 e 4 anos. Foi uma decepção, cheguei a uma conclusão que eu não sabia nada, me sentia uma verdadeira babá naquela escola, a preocupação maior não era a pedagógica e sim o cuidado com as crianças. Serviu como experiência, mas não era aquilo que eu queria, continuei como eventual no Estado, eu me identificava mais, porque eu gostava era de ensinar crianças com dificuldades de ler e escrever parece que eu não queria que ninguém passasse o que eu passei.

No ano seguinte terminei o magistério e assumi uma classe na mesma escola onde havia feito o magistério. A escola está situada na área central de Sumaré, mas a maioria dos alunos era de periferia e já estava com a idade avançada, ou seja, era o chamado CB2R (Ciclo Básico II Reagrupado), a maioria

não era alfabetizada e, além disso, a indisciplina era o maior problema. Os alunos não se importavam com nada, era uma classe fracassada, composta por alunos rotulados por outros profissionais e excluídos do ambiente escolar. Até o recreio deles era separado, devido à violência com outras crianças, eram também excluídos da sociedade e da família. Muitos deles tinham histórico de evasão escolar em anos anteriores, justamente pelo fracasso na alfabetização (novamente eu e o fracasso na alfabetização).

Não foi uma experiência bem sucedida, eu não consegui desenvolver nenhum tipo de projeto significativo com eles, não funcionou, eles vinham de um modelo tradicional muito forte e só aceitavam cópias, pois qualquer outro trabalho o desafiavam e não era isso que queriam fazer ali, na escola o objetivo deles era bagunçar. Trabalhei angustiada o ano inteiro, pois eu acabara seguindo aquele modelo para manter a disciplina da classe, pois lousa cheia era sinônimo de aluno ocupado em copiar, mas não de pensar. A turma era tão pesada, o vocabulário péssimo, só palavrões.

Toda teoria não funcionou ali. Eu também estava começando e as minhas dúvidas eram muitas. Pensava na criança que alfabetizei em casa, queria também ajudar aquelas crianças, as outras professoras não queriam nem saber e até zombavam de mim por estar com aqueles alunos que eram fracassos delas, pois a formação dessa classe foi de autoria daqueles profissionais que estavam ali, montaram aquela classe de excluídos para não correrem o risco de estar com eles novamente.

Tentei fazer amizade com os alunos, conversava muito, quando dava, pois se eu parasse de escrever e sentasse, eu não teria mais sossego, a classe pegava fogo. A direção não fazia nada, os pais não apareciam, para minha infelicidade a

Diretoria de Ensino era no mesmo prédio e a sala do Delegado de Ensino ficava em frente a minha janela. Um dia ele resolveu me visitar atribuindo toda a culpa da sala a mim. Nossa! Foi a pior coisa que podia ter me acontecido. Expliquei tudo a ele, mostrei tudo que tentei fazer, e ele me disse que eu não tinha condições de dar aulas, mas não pela classe e sim por achar que eu não sabia nada e ser novata. As outras professoras nem se importaram em dizer como eram esses alunos na escola, só tive o apoio de uma servente, que no momento relatou o que eles faziam dentro e fora da classe e mais tarde da diretora da escola que também me apoiou, acho que foi minha sorte, senão poderia nunca mais ter dado aulas. Foi só assim que a direção tomou providências de convocar pais, fazer reuniões, separar alguns alunos que não podiam ficar juntos e outras decisões que me ajudaram muito. Mesmo com minha auto-estima baixíssima, meu trabalho começou a dar resultado e eu fui ganhando confiança. A diretora convidou o Delegado para ver a sala e o trabalho que estava sendo desenvolvido. Quando ele chegou me deu um frio na barriga, ele entrou e eu levantei a cabeça, mostrei a minha capacidade de desenvolver um trabalho sério e ele olhou tudo o que fiz, viu todos os cadernos e colocou um visto em tudo, analisou meu material e me chamou para conversar. Levei um susto, ele me pediu desculpas e até ofereceu ajuda se precisasse, elogiou meu trabalho e pediu para o supervisor de ensino convocar os pais dos alunos mais difíceis para conversar. E assim foi feito, facilitando ainda mais meu trabalho, ao final desse ano, consegui alfabetizar muitos, outros não e sai daquela escola dizendo que nunca mais daria aulas na minha vida. Essa foi mais uma experiência do fracasso escolar e a exclusão social e mais uma influência da escola tradicional na vida dessas crianças que não aprendiam. Elas não tiveram mediação, o apoio do professor, o diálogo, nada, só punições e traumas por não aprenderem. O que eles precisavam

era de apoio familiar, limites, regras, tudo isso tinha sido abandonado pelo simples fato de que a escola quando chamava os pais era só para reclamar e excluir mais ainda aquelas famílias já rejeitadas pela sociedade por serem pobres e por não se vestirem bem, a maioria era desempregada. A situação foi bastante traumatizante.

Percebi que dentro de uma escola aconteciam muitas coisas que contribuía para o fracasso escolar.

A DESCOBERTA DA PROFISSÃO

Passou as férias e lá estava eu dentro da escola, só que na periferia de Hortolândia, outra escola, outras pessoas e a mesma realidade: crianças carentes, violência explícita no bairro, convívio com o tráfico de drogas e prostituição. Era neste ambiente que vivia os alunos daquela escola e meus alunos.

Escolhi um CB2, não reagrupado, naquela escola não existia sala dos reagrupados, ou seja, excluídos. Quando cheguei na escola, confesso que eu estava com medo de encontrar novamente aquela sala, mas realmente tive a oportunidade de realizar meu sonho “ser professora”. Para começar a organização da escola era diferente, a diretora era muito dinâmica e não escondia alunos problemas em uma classe só, conhecia a escola e suas dificuldades, sabia como eram os e quem eram os alunos e trabalhava muito com a auto-estima dos professores e dos alunos. A classe era ótima, consegui colocar em prática tudo que julguei não dar certo na outra sala e pude refletir muito e acabei aprendendo mais, principalmente o processo da alfabetização. Confesso que fiz um excelente trabalho, tive o desafio de ter uma aluna com deficiência visual, acabei aprendendo o Braille, eu estava bastante motivada, passei a ser muito elogiada pelos pais e pela direção, os professores me respeitavam muito e compartilhamos uma ótima relação nos três anos que fiquei na mesma escola, mesmo com todo o problema cultural e social daquele bairro.

Nessa época (1996) surgiu o Projeto Classes de Aceleração, no qual a direção tinha que indicar um professor da escola, com alguns requisitos, para assumir a classe. Eu fui escolhida pela direção e todos os professores apoiaram a escolha, eu fiquei muito feliz e me sentia uma profissional de verdade. O objetivo

dessa classe era acelerar o aluno que estava com a idade avançada e sérios problemas de aprendizagem. A classe era cheia de recursos e eu fazia treinamento com profissionais da SEE (Secretaria Estadual de Ensino) e do MEC (Ministério da Educação e Cultura), juntamente na época nasciam os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Então tudo parecia ser perfeito para eles, com receitas prontas, teoria formada e, eu fui a primeira a relatar a experiência que tive com uma classe homogênea, e a resposta foi que, agora teria recursos, treinamento, estudo; como se isso fosse resolver os problemas sociais que os alunos enfrentavam. O propósito na verdade era “empurrar” alunos que estavam com número enorme de repetência e evasão escolar e estavam saindo muito caro para o Estado.

O Projeto foi bom, a estrutura seguia Piaget, Vygotsky, Wallon. Era um trabalho para levantar a auto-estima do aluno, só que o tempo era muito curto para recuperar um aluno, ou seja, alfabetizar alunos que mal sabiam escrever o nome e da 3ª série, mandá-los para a 5ª série, era meio complicado. Quando conheci os alunos, assustei, a turma era difícil também. Na verdade todos eles estavam dentro da escola, só que a organização da direção era muito legal, que eles estavam distribuídos nas várias classes da escola.

Fiz um trabalho seguindo as receitas, tínhamos Módulos a seguir e materiais para trabalhar a vontade, tudo o que pedíamos era aceito, o que já melhorou muito; juntando a isso a experiência que tive eu consegui realizar um bom trabalho. Fiz amizade com todos os alunos e usava minhas experiências de vida, desde minha infância e até o momento para convencê-los da importância da escola. Muitos alunos tinham quase a mesma história de vida que eu tive e confesso que através do diálogo crescemos juntos naquela sala. A alfabetização não foi o meu maior sucesso

naquela classe, mas a disciplina e a convivência desses alunos na escola e em casa melhorou muito.

As mudanças políticas do Estado trouxeram a municipalização e passei a trabalhar em uma escola municipal, mas era ACT (Admitido em Caráter Temporário) do Estado. Tudo mudou novamente, a linha de trabalho, as exigências na verdade nem eles sabiam o que queriam, uma das cobranças era que todos deveriam trabalhar com o construtivismo, o professor “construtivista” era famoso e considerado bom professor, mesmo sem saber e acreditar todo mundo achava que tirando o ba, be, bi, bo, bu e tirando cópias era construtivista. Tudo foi jogado para os professores, houve poucos estudos, foi mal interpretado e criou grandes problemas nas escolas. O que se via era alunos com cadernos cheios de recortes e colagens, sem correção, pois a correção poderia frustrar o aluno, não poderia ter mais avaliações por causa da punição, nem conteúdos e nem textos copiados somente xerocados. Passado dois anos, percebemos o baixo rendimento que nossos alunos apresentavam, aquele tipo de trabalho realmente não funcionou. Eles não aceitavam mais fazer pesquisas, leituras em voz alta, nem copiar conteúdos, mais nada e a indisciplina tomou conta.

A rede municipal de Hortolândia investiu muito em cursos, palestras e estudos, para tentar consertar o caos que tinha virado, aos poucos os professores interessados e comprometidos mudavam suas práticas e uma nova concepção nascia sobre o construtivismo.

Na mesma época comecei a trabalhar na Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Campinas e gostei muito, aplicavam-se Piaget, tudo que aprendi no PROEPRE (Fundamentos Teóricos e Prática Pedagógica para a Pré-Escola), com a Orly Zucatto me foi útil, tanto no Ensino Fundamental e na Educação Infantil, eles

valorizavam muito o brincar, pois são de grande importância o lúdico e o brincar nessa fase.

Entender como a criança aprende e saber como fazer isso era o meu principal objetivo, por isso me dediquei a cursos, trocas de experiências, leituras, porque eu não me conformava em ver alunos que não conseguiam se alfabetizar.

Foi quando compreendi o quanto é importante dar sentido na aprendizagem, foi quando comecei a ler e aprender sobre o “Socioconstrutivismo”. Esse termo, ou sociointeracionismo é usado para fazer distinção entre a corrente teórica de Vygotsky e o construtivismo de Piaget, ambos construtivistas em suas concepções do desenvolvimento intelectual, ou seja, sustentam que a inteligência é construída a partir das relações recíprocas do homem com o meio. Os dois se opõem tanto à teoria empirista (para a qual a evolução da inteligência é produto apenas da ação do meio sobre o indivíduo) quanto à concepção racionalista (que parte do princípio de que já nascemos com a inteligência pré-formada). Para o ser humano, segundo Vygotsky, o meio é sempre revestido de significados culturais. E os significados culturais só são aprendidos com a participação dos mediadores. O fator cultural, básico para Vygotsky, é pouco enfatizado por Piaget, é essa a diferença central entre os dois teóricos construtivistas. Ambos divergem também quanto à sequência dos processos de aprendizagem e de desenvolvimento mental. Para Vygotsky^{††} é o aprendizado que gera o desenvolvimento. Em suas palavras: “o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis”.

^{††} Anotações de aula.

Piaget, ao contrário, defende que é o desenvolvimento progressivo das estruturas intelectuais que nos torna capazes de aprender (fases pré-operatória ou lógico-formal).

Nesse estudo aprendi que a evolução intelectual, para Vygotsky é caracterizada por saltos qualitativos de um nível de conhecimento para outro, a fim de explicar esse processo, ele criou o conceito de zona de desenvolvimento proximal, que definiu como a distância entre o desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. A zona proximal é a que separa a pessoa de um desenvolvimento que está próximo, mais ainda não foi alcançado.

Assim começamos a mesclar nossa prática em sala de aula e houve uma grande melhora no desempenho dos alunos. Na verdade a minha preocupação estava em alfabetizar sem punir, sem magoar o aluno e fazê-lo aprender, tinha e tenho muito medo de fazer o que fizeram comigo, um trauma fica muito vivo na memória e eu não quero que nenhum aluno lembre de mim assim.

Continuei trabalhando com o socioconstrutivismo, estudava muito Piaget e Vygotsky, assim como Emília Ferreiro e outros que falavam sobre alfabetização. Formei uma postura mais voltada para Vygotsky, acreditando numa escola que “puxe” pelo aluno, que o faça avançar, sendo o professor o condutor do processo. Na alfabetização eu procuro ampliar o universo de expressões da criança para facilitar a incorporação da escrita, dando ênfase na elaboração da fala, da escrita e da leitura como instrumentos simbólicos que repercutem no desenvolvimento mental. O erro faz parte do processo, uso apontá-lo para que o aluno corrija, pois não dá

para esperar o aluno descobrir sozinho o que errou. Uso ainda cópias, ditados, produções, sempre visando a criatividade do aluno, contextualizado e com ações significativas para desenvolver aprendizagens. Isso porque atividades descontextualizadas não têm o mesmo efeito de aprendizagem, não existe assimilação e nem motivação do aluno. Nessa prática meu papel é de interagir e mediar nas diversas áreas de aprendizagens de meus alunos, não respondendo perguntas e dando tudo pronto, mas fazendo questionamentos, dando suportes de onde procurar e propondo desafios a fim de promover melhor desempenho em cada um.

Com a municipalização das escolas Estaduais, fui obrigada a deixar o Estado, fiquei com a Educação Infantil em Campinas e fui indicada por uma amiga para trabalhar em uma escola particular. Era uma escola evangélica, o curso era totalmente apostilado e tradicional, tudo “mastigado”, quase pronto e o aluno só tinha que terminar, levei um susto, depois de todo esse estudo, com todas as teorias e práticas que vivenciei. Comecei com uma 1ª série, com apostilas uma para cada matéria, me senti perdida, não conseguia trabalhar com aquelas apostilas, a criança não sabia nem ler e tinha que seguir atividades e textos como se já soubesse ler, ou então, eu tinha que escrever na lousa e mostrar onde o aluno devia completar e escrever até a resposta, pois não havia construção de conhecimento, não tinha um trabalho voltado para a linguagem. Tentei encaixar o meu jeito de trabalhar, só que para isso eu precisei esquecer a apostila, o resultado foi de imediato, só que os pais não gostaram porque tinham que comprar a apostila e eu não usava, conversei com a diretora, mas ela não concordou e disse que os pais pagavam pelas apostilas e então deviam ser usadas do começo ao fim. Mesmo não concordando trabalhei lá quase três anos. Não agüentava ver alunos que não questionavam nada, só

completavam atividades e memorizavam questionários, resolvi sair por não estar de acordo com essa experiência. Estava indo contra ao que eu acreditava e contra muitas teorias que comprovavam que aquele tipo de ensino não funcionava. Claro que os alunos saiam alfabetizados, mas não de maneira crítica e sim limitados.

Fui chamada por meio de Concurso Público para trabalhar em Nova Odessa, no Ensino Fundamental, onde a proposta era trabalhar com Ciclos de Aprendizagem e de uma maneira mais construtivista ou sociointeracionista com os alunos. Adorei tudo! Podia realmente por em prática tudo o que eu aprendi e acreditava e foi o que aconteceu. Alfabetizei muito, no 2º bimestre a maioria já lia e escrevia pequenos textos, passei a trabalhar os dois períodos na mesma escola e melhorei muito a minha prática pedagógica, refletindo e trocando experiências com outros professores.

Junto com a rede comecei fazer o PROFA – Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, no qual Telma Weiz ministrava aulas de alfabetização através de vídeos, explicando a teoria de Emilia Ferreiro da maneira correta, nenhuma novidade para quem já alfabetizava, ela sistematizou de forma correta tudo que nós não entendíamos sobre o construtivismo. Na prática, muitas coisas davam certo, outras não, para quem gosta de alfabetizar o melhor é fazer com certeza aquilo que sabe e estudar mais o que não sabe.

Neste mesmo ano, eu estava com uma 1ª série e tinha um aluno que foi um desafio muito grande, mesmo com toda paciência e afetividade ele não aprendia. Coloquei em prática os ensinamentos do Profa e todas as teorias que eu sabia, e nada, encaminhei para a psicopedagoga, para fonoaudióloga e por fim descobri que o que faltava para essa criança era o carinho da família, principalmente da mãe, que quase não tinha contato com o filho. Esse aluno não tinha um lar violento, como eu,

mas seus pais trabalhavam muito e não tinham tempo para ele. Fiquei com ele três anos, tentando aproximá-lo da família, ou seja, fazendo com que a família se aproximasse dele, foi difícil porque a mãe não conseguia ter uma relação de carinho e nem de diálogo com ele, na escola a mãe e o pai só compareciam através de convocações e sempre com pressa, tentei explicar o tempo que eles estavam perdendo por não curtir o filho que necessitava tanto deles. De tanto cobrar a mãe passou a trabalhar menos e participar mais da vida dele, mas isso aconteceu depois que ele reprovou. Continuei um trabalho individual de alfabetização com ele, mas com uma grande diferença, a mãe presente em casa. Mesmo ela não tendo muito diálogo, só a presença dela já o fez avançar, enfim consegui alfabetizá-lo e nas minhas reflexões pude perceber os dois lados, a criança num lar doente, e a criança com uma carência enorme dos pais presentes. Sempre levo em conta tudo que eu passei quando vejo crianças que não aprendem, procuro fazer uma pesquisa sobre a convivência na família, pois família todos têm, só basta saber como é o ambiente familiar.

O CURSO DE PEDAGOGIA

Educar é...

...agir para que cada um atinja a própria plenitude. (Nóvoa)

Nessa correria de trabalhar, pois eu também tinha que manter a casa com o meu salário, eu não fiz faculdade, justamente por não ter condições financeiras, mas acabei me saindo bem por ter sido beneficiada por um excelente Curso de Pedagogia oferecido por uma Faculdade Pública muito bem conceituada, com a qual eu sempre sonhei e acredito muito. Quando entrei no curso eu realizei meu sonho, pois a Unicamp é muito bem vista por todos, e eu nunca imaginei em estar dentro dessa universidade.

O PROESF (Programa Especial de Formação) foi iniciado em agosto de 2002, a partir de um projeto coletivo - convênio entre a Unicamp/Faculdade de Educação e as Secretarias de Educação dos Municípios que compõem a Região Metropolitana de Campinas, destinado a formar os professores em exercício desses municípios, com o objetivo de juntar a teoria e a prática, visando refletir e melhorar a nossa prática. Com uma visão muito aberta de educação, o curso trouxe exatamente aquilo que eu precisava, as teorias que comprovassem o que eu pensava e novos conhecimentos que me fizeram estabelecer uma relação muito mais favorável e dinâmica na sala de aula.

Logo no 1º semestre, encontrei tudo que eu precisava para me estimular. A palestra ministrada por Sérgio Leite, coordenador e defensor do nosso curso (que não era apoiado por todos dentro da Unicamp), foi realmente fascinante ao

apresentar a história “Da pata nada”, na qual a criança produzia textos significativos em casa e a escola reproduzia textos de cartilha, sem contexto e sem sentido.

As aulas seguiram falando sobre alfabetização, letramento, lingüística, construtivismo... tudo foi para mim uma resposta daquilo que vivi na infância e como professora.

As experiências teóricas do curso, muitas já citadas no meu memorial, foram levadas ainda mais para a sala de aula, vindo ao encontro dos conteúdos, das políticas educacionais. Passei a entender como funciona tudo, principalmente para um aluno meu com problemas disciplinares (assim julgado por especialistas da rede). Após um ano que eu vinha dizendo que ele tinha problemas, que necessitava de tratamento é que foi encaminhado, inclusive para neuropediatria da Unicamp. As primeiras avaliações foram feitas devido a minha insistência e diagnosticaram uma disritmia bilateral, além de hipóteses de autismo e um grau de hiperatividade provocado pelo próprio distúrbio, mas ele ainda está em processo de avaliação. Ele é uma criança alfabetizada e alegre - um dos problemas é que só vê a mãe como membro da família, apesar de ter um irmão e o pai -, mas apresenta uma grande confusão mental para elaborar frases, explicar e contar a sua própria vida. Gosta muito de brincar, tem uma letra ótima e nesse ano começou a escrever textos com mais coerência, inclusive reescritas. Tem uma inteligência notável para criar objetos relacionados à Física, como por exemplo: ele desmonta rádio, vídeo e faz funcionar as peças em outros objetos, formando turbinas, ventiladores, tudo com peças de vários outros objetos. Quando ele me contava o que fazia, eu não acreditava, então pedi que trouxesse na escola para mostrar para seus amigos. Para minha surpresa ele realmente sabia tudo sobre o que criava, e explicava as etapas de como fazia e para que servia. Aproveitando a oportunidade eu rapidamente pedia para ele

escrever tudo, como se fosse um manual do produto criado. O avanço foi significativo, o estímulo e o interesse dos demais alunos fizeram com que ele criasse muito mais, sua socialização e sua sequência de narrar fatos melhorou muito. Quando ele inventa alguma coisa que dá para trazer, a escola inteira participa e ouve o que ele tem a dizer, isso quer dizer que ele tem inteligências múltiplas que devem ser desenvolvidas, pois ele não vai muito bem em Matemática, nem Ciência, nem História, nem Geografia e muito menos em Português, só que se sobressai nessa área de conhecimento, que ao meu ver deve ser explorada e muito. Essa criança me lembra o filme “Shine Brilhante”.

Diante disso, fui pedindo para que ele escrevesse tudo que tinha relatado e deu certo, pois ele escrevia o que realmente internalizava e era significativo para ele, pedi para a mãe que fizesse o mesmo em casa e ele adora fazer e trazer para explicar aos alunos. Ao invés de exigir que ele produza textos com pontuação e siga outras regras da gramática eu resolvi valorizar suas habilidades através do seu conhecimento prévio, do seu conhecimento não-formal. Segundo a neuropsicóloga Leila Vasconcelos, da Universidade Federal de Pernambuco:

Se o estudante não aprende um conteúdo é porque não encontrou nenhuma referência nos arquivos já formados para abrigar a nova informação e, com isso, a aprendizagem não ocorreu. Não adianta insistir no mesmo tipo de explicação”. “Cabe ao professor oferecer outras conexões, usando abordagens diferentes e estimulando outros sentidos, daí a importância de investigar os conhecimentos prévios para formar ganchos e dispor de diferentes estratégias de ensino, evitando a decoreba.

Dentro de todas as minhas experiências com alunos com dificuldades, essa está sendo a mais gratificante, pela maneira com que esse aluno representa o que aprende, as emoções, o desafio - que para ele é o maior estímulo. Com ele aprendi que existem várias maneiras de ensinar e vários tipos de alunos, com diversas

diferenças. Penso que essa forma de trabalhar também é uma inclusão, pois esse aluno numa classe tradicional jamais poderia citar o que faz, isso limitaria muito mais seu desenvolvimento. Está mais uma vez provado que o diálogo, a afetividade e a interação social faz parte do processo ensino-aprendizagem. Porém, Smolka (2003, p. 58) lembra que:

As concepções da relação pensamento/ linguagem em cada um dos esquemas teóricos vão resultar, também, em diferentes posições no que diz respeito às relações de ensino. Ao falarem da construção individual do conhecimento, Piaget e Ferreiro enfatizam o ponto de vista da criança que aprende. Ao falar da “internalização” das formas culturais de comportamento (papéis e funções sociais), Vygotsky enfatiza o papel do adulto como “regulador” na relação com a criança. As implicações pedagógicas se distinguem e se esclarecem quando Piaget nos diz, por exemplo, que quando se ensina alguma coisa à criança, a impedimos de realizar uma descoberta por si mesma, enquanto Vygotsky, elaborando o conceito de “zona de desenvolvimento potencial”, afirma que a criança fará amanhã, sozinha, o que hoje faz com cooperação.

Para essa criança, as duas teorias funcionam muito bem, tudo depende do estado emocional que ela está no momento da aprendizagem.

As relações que consegui estabelecer com o curso, a prática e a vida foram de grande importância para minha carreira profissional. Tudo que o curso me acrescentou foi válido e já está internalizado para o meu dia-a-dia, também consegui chegar a uma conclusão sobre a minha alfabetização na infância e tive a certeza que fui muito prejudicada por causa do sistema punitivo e do método. Tenho certeza que jamais farei isso com meus alunos.

O que eu passei, toda a minha trajetória, a minha persistência e dedicação, foram ligadas ao curso no qual estou terminando e tenho certeza que minhas pesquisas nessa área não acabaram, estarei sempre em busca de melhorar a minha

prática. Posso dizer que em relação a outros cursos de Pedagogia que eu poderia ter feito, estou satisfeita com o PROESF, que ampliou um leque de conhecimentos, que tenho certeza, não teria em outros cursos.

Confesso que entrei em conflito várias vezes com as novas teorias e me revoltei muito, principalmente com as políticas educacionais e as leis, as quais pude perceber que só existem no papel e com as incoerências existentes na minha própria rede de ensino que me fizeram refletir muito para alcançar um equilíbrio.

Por isso trago até aqui minhas memórias, que ao escrevê-las me trouxeram novos conhecimentos e a certeza de uma visão ampla da educação.

Esse memorial traz minha infância triste, adolescência difícil, crescimento profissional, vida acadêmica com muito estudo, muitas lutas, persistência, fé e principalmente a realização de meu sonho de ser professora. E ainda lembrando da frase “eu ajudaria minha mãe”..., concluo que toda essa trajetória de trabalho e empenho foi com o objetivo de cuidar da minha mãe e da minha família e, meu pai? O álcool o levou...

Tudo isso virou Memórias da minha Vida.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio G. **Erro e Fracasso na Escola: Alternativas Teóricas na Escola**. São Paulo: Ed. Summus, 1997.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Ed. Cortez, 1997.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1985.

FILHO, Lourenço. Um grande modernizador de nossa escola. **Revista Nova Escola**. Novembro/2003.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Ed. Atual, 1997.

Uma longa história de culpa. Vergonha Nacional. **Revista Nova Escola**. Novembro/2000.

SMOLKA, Ana L. B. **A criança na fase inicial da escrita – a alfabetização como processo discursivo**. 11^a edição. São Paulo: Cortez/ Campinas, SP: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 2003 (Coleção passando a limpo).

TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta de K.; DANTAS, Heloysa. **Wallon, Vygotsky, Piaget: Teorias Psicogenéticas em Discussão**. São Paulo: Ed. Summus.

VASCONCELOS, Leila. Sem memória não há aprendizagem. **Revista Nova Escola**. Julho/2003.

VYGOTSKY, Lev S. O teórico social da inteligência. **Revista Nova Escola**. Dezembro/1996.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1984.

WALLON, Henri. Educação por inteiro. **Revista Nova Escola**. Março/2003.